

ARTECH 2005

2º WORKSHOP LUSO-GALAICO DE ARTES DIGITAIS
"Nas fronteiras do imaginário"

27 de Agosto 2005
XIII Bienal de Cerveira, Forum Cultural de Cerveira
Vila Nova de Cerveira, Portugal

LIVRO DE ACTAS

Editores: Adérito Fernandes Marcos
Leonel Valbom
Marta Melra

Artech 2005 - 2º Workshop Luso-Galaico de Artes Digitais
Vila Nova de Cerveira, Portugal
27 de Agosto de 2005
Livro de Actas

Editores:

Adérito Fernandes Marcos
Leonel Valbom
Marta Meira

Publicado por:

Associação C. C. G / ZGDV - Centro Computação Gráfica
Rua Teixeira de Pascoais, 596
4800-058 Guimarães - Portugal
Telefone: +351 253 439 300 Fax: +351 253 439 348
Email: info@ccg.pt URL: www.ccg.pt

Design Original: Mourylise Heymer
Adaptação: Sandra Cruz

Impressão final: Sem Margens - Centro de Cópias e Design Gráfico, L.da

Tiragem: 50 exemplares

ISBN: 972-99062-4-6

Depósito Legal n.º: 230678/05

Impresso em Agosto de 2005

Telepoesis.net – Poesia em rede

Rui Torres

CETIC-Centro de Estudos de Texto Informático e Ciberliteratura
Universidade Fernando Pessoa, Portugal

rtorres@ufp.pt

Resumo — Partindo da apresentação de exemplos de poesia criada para o meio digital, pretende-se com este artigo fazer uma reflexão acerca das novas textualidades emergentes com as tecnologias digitais interactivas. Assim, acreditando que as características da hipermédia constituem um terreno fértil para o experimentalismo literário, confronta-se uma postura de mera remediação dos arquétipos analógicos para os meios digitais com a possibilidade de uma criatividade colectiva em rede, potenciadora de um conhecimento e esclarecimento acerca dos novos media.

Palavras-Chave — Poesia e hipermédia; ciberliteratura; remediação e hipermediação.

I. TELEPOESIS.NET/INTRODUÇÃO

O que propomos com esta comunicação é apresentar um conjunto de experiências textuais que, dependendo de suportes digitais para a sua actualização, se constituem como uma poesia em rede, interactiva e virtual, passível de uma função estética que comenta e critica a constituição das escritas digitais. Chamamos ao nosso projecto Telepoesis.net, e propomos o investimento da criatividade literária no espaço do paradigma digital.

Dado o vasto campo de aplicações culturais e até comerciais que ocupam hoje em dia o espaço público virtual da Internet e dos computadores pessoais, *mitificando-se* aí a função social dessas novas textualidades, centramos a nossa atenção em textos que promovem, não um mero processo de remediação e transparência, mas

novas ambiguidades que, transbordando processo, nos permitem enquadrar a constituição das textualidades hipermediáticas. Na verdade, julgamos que a melhor forma de investigar as condições em que os novos media (aqui considerados como aplicações hipermédia interactivas que são distribuídas em suportes electrónicos, ou actualizadas em rede) podem contribuir para uma semiose estética é programando “novos terrenos para a expansão da textualidade.” [1]

II. TELEPOESIS.NET/PRESSUPOSTOS

Tendo em consideração o carácter relativamente desconhecido – ou provisório – do terreno em que nos movemos,[2] partimos de pressupostos que, não sendo inovadores, nos podem ajudar a identificar novos terrenos para uma intervenção crítico-lúdico-transgressora no ciberespaço.

Primeiro, a convicção de que as novas textualidades, emergentes com as tecnologias digitais interactivas e com as redes de informação e do conhecimento distribuído em redes, nos permitem ter um conhecimento efectivo (e talvez afectivo) dos diferentes códigos semióticos implicados no texto artístico e literário. Não é por isso de estranhar que a nossa abordagem se centre essencialmente sobre a poesia experimental: move-nos o princípio (não consensual) de que a materialidade dos significantes poéticos, manifestados ao nível da expressão, contribuem de forma significativa para

uma complexidade informacional onde o verbal, o visual e o sonoro (o verbovocovisual) se combinam num jogo de actualizações e potencialidades significativas.

Não podemos, por isso, ficar alheios ao facto de a poesia vanguardista do princípio do século XX (institucionalizada com o Modernismo e desinstitucionalizada pelo Concretismo) anunciar já uma espécie de poética pré-digital, nomeadamente ao propor uma separação, através da colagem, dos elementos que as tecnologias multimédia com facilidade hoje isolam. De facto, conforme também explica Lev Manovich, "all the strategies developed to awaken audiences from a dream-existence of bourgeois society (constructivist design, New Typography, avant-garde cinematography and film editing, photo-montage, etc.) now define the basic routine of a post-industrial society: the interaction with a computer." [3]

A diferença, fundamental, é que nos meios digitais esses elementos verbovocovisuais são interpretados numericamente, potenciando desse modo o seu controlo e transformação, em tempo real, num espaço virtual de *performance* ou em ambiente(s) de leitura privada.

Por outro lado, não podemos esquecer que uma das propostas do experimentalismo literário do século XX foi precisamente a abertura de um espaço lúdico onde o leitor pudesse envolver-se, desse modo despragmatizando, não apenas a arbitrariedade dos signos, mas principalmente a transparência e a ocultação dos processos. Ora a hipermédia, seja nos trabalhos em rede ou nos jogos interactivos, apresenta-se como espaço ideal para o experimentalismo literário trabalhar o seu potencial ilimitado de significações. Conforme também Manuel Portela esclarece, a aproximação do concretismo dos anos 60 à ciberliteratura parece evidente no sentido em que ambas conduzem ao conhecimento do processo e à abertura, apontando uma semiose ilimitada: "Em ambos os casos, o jogo combinatório, inspirado nas formas computacionais de codificação e descodificação de mensagens, permitiu destruir a cristalização semântica contida nos enunciados e abrir os signos ao seu potencial significante indeterminado". [4]

Aceitamos portanto que a hipermédia possibilita uma nova *intencionalidade* experimentalista: não apenas promove uma opacidade autoreflexiva, ao permitir a apresentação criativa dos vestígios da construção dos textos, como também concretiza a abertura da obra, manifestada na potencialidade infinita de variações e potenciada pela interactividade, o jogo, a multimodalidade e o multimédia.

Conforme Pedro Barbosa explica, na ciberliteratura "a mensagem literária assume-se quase sempre estruturalmente como obra aberta - seja na sua modalidade potencial seja na sua modalidade interactiva. Tal facto implica a participação do "utilizador" para lhe dar existência verbal. Ora, sendo a mensagem constituída por opções do próprio utente-leitor no contexto de um labirinto tantas vezes inesgotável de percursos leiturais, qualquer texto final assim concretizado é também a emanação personalizada do utilizador do programa; e tal emanação é acrescida quando o programa lhe concede a possibilidade de intervir com dados pessoais, modificando ou reescrevendo o texto virtualmente proposto." [5]

Uma vez expostos estes princípios, julgamos que a melhor forma de reflectir acerca da possibilidade de uma poesia (em meio) digital e em rede é adoptando uma escrita digital experimental, desmistificando a rede, propiciando ao mesmo tempo um testemunho desta condição de transição e de passagem em que vivemos.

III. TELEPOESIS.NET/ENQUADRAMENTO

A criatividade ciberliterária, inscrevendo-se numa definição de texto enquanto tecido de citações e espaço de dimensões múltiplas, ajudamos ainda a identificar as limitações que um certo modo de pensar o texto, herdado porventura do estruturalismo, impõem.

Desconfiamos por isso que uma mera transposição de uma teoria do texto enquanto rede de significações para as novas textualidades em rede possa representar uma posição castradora. Na verdade, perante um novo paradigma textual, o do cibertexto, parece

possível finalmente inaugurar um novo tempo e espaço do texto virtual. Transitando entre tipologias textuais distintas, esbatendo as fronteiras dos géneros do discurso, o leitor do cibertexto é crítico e criativo, remetendo-se intuitivamente para a totalidade (estrutura) e a complexidade (ambiguidade). Conforme já salientámos, o meio digital abre-se à poesia de inovação, acolhendo-a na sua arquitectura descentrada e múltipla do eu. De facto, tal como a poesia de inovação (experimental e concreta) reconhece, e permite o reconhecimento, da importância dos materiais da escrita para a própria escrita, isto é, da função estética da linguagem e do meio como mensagem, também a poesia em meio digital potencia uma reflexão acerca dos processos de organização e desenvolvimento dos sistemas de comunicação que nos envolvem. Resumindo, redescobre-se o apelo da poesia à crítica: crítica dos métodos usados para interpretar.

Teóricos da poesia digital (Aarseth, Glazier), da linguagem dos novos média (Manovich) e do hipertexto (Landow, Bolter) têm observado uma certa linha de continuidade entre a hipertextualidade digital e as poéticas de ruptura a que também já fizemos referência. Também é habitual recorrer a Baudrillard, Derrida, Foucault, a desconstrução ou o pós-estruturalismo para explicar estes fenómenos de construção rizomática. No entanto, se na base destas análises estiver a legitimação da projecção do meio analógico no digital, o projecto está contaminado de raiz.

Na verdade, o que uma concepção do computador enquanto um potencial acelerador de cálculos e algoritmos previamente executados “à mão” esquece é que há outros usos essenciais à operacionalidade informática, nomeadamente a comunicação e o controlo, em rede e em tempo real, de informação dinâmica.

Finalmente, não podemos deixar de lembrar que o tele-leitor investe num espaço marcado pela promessa do virtual e do global. Ele lê os banners da Internet e recebe cartões animados postais, anima palavras na tela do computador com ferramentas de autoria hipermédia disponíveis para todos. Por isso, parece-nos ser

precisamente dentro deste arquétipo da cultura ocidental, plasmado no mito da velocidade e da tecnologia, que é pertinente intervir, proliferando mensagens que deformem essa língua comum das redes e dos computadores, já vítima da entropia e do assalto da sedimentação.

IV. TELEPOESIS.NET/POÉTICA

Algumas das experiências a seguir brevemente descritas são informadas pela postura teórico-lúdico-crítica que procurámos delinear; isto é, são textos criativos que reflectem na sua concepção os limites da nossa cosmovisão, colocando no centro da sua atenção a constituição do canal (e sua função fática: trabalhar na rede, para a rede), da mensagem (e sua remediação estética: multimédia, digitalização) e do código (através da metalinguagem da interface).

Todos os poemas estão disponíveis em <http://telepoesis.net>.

<http://ipoema.telepoesis.net> - **IP-oema** coloca em jogo o meio-mensagem, procurando encenar diferentes modos e representações simbólicas da informação numérica, o conceito de remediação e o trabalho em rede.

<http://telepoesis.net/tema> - **Tema Procura-se** permite analisar os diferentes modos de representação da informação digital, encenando ao mesmo tempo um jogo onde o aleatório e a interactividade são fundamentais.

<http://telepoesis.net/amor> - **Finalmente, Amor de Clarice** reúne os trabalhos de animação e trabalho colaborativo que temos vindo a desenvolver desde 2002. Partindo da releitura de textos literários, fez-se um trabalho com som, video, imagem e animação que foi posteriormente integrado com interactividade. Este último trabalho será também proposto para instalação e performance, a realizar no espaço da Conferência do Artech 2005.

REFERÊNCIAS

[1] A expressão é retirada do título de uma comunicação de Pedro Reis, “Media digitais: novos terrenos para a expansão da textualidade”, feita no âmbito de um encontro promovido pelo Cetic-Centro de Estudos de Texto Informático e Ciberliteratura (Universidade Fernando Pessoa, Porto) e pelo Nuph-Núcleo de Pesquisa em Hipemídia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil).

[2] O que não implica que não haja uma vasta literatura acerca do assunto. Na verdade, há mesmo um considerável número de autores que se tem debruçado sobre a constituição de uma poesia digital (Loss Pequeno Glazier, Friedrich W. Block, Marie-Laure Ryan, Jorge Luiz Antonio, entre outros).

[3] L. Manovich, “Avant-garde as software,” disponível em http://www.manovich.net/DOCS/avantgarde_as_software.doc.

[4] M. Portela, “Hipertexto como metalibro”, disponível em http://www.ciberscopio.net/artigos/tema2/clit_05.pdf

[5] P. Barbosa, “A renovação do experimentalismo literário na literatura gerada por computador”, disponível em <http://www.pedrobarbosa.net/artigos-online/lgc-artigo.htm>

FIGURAS

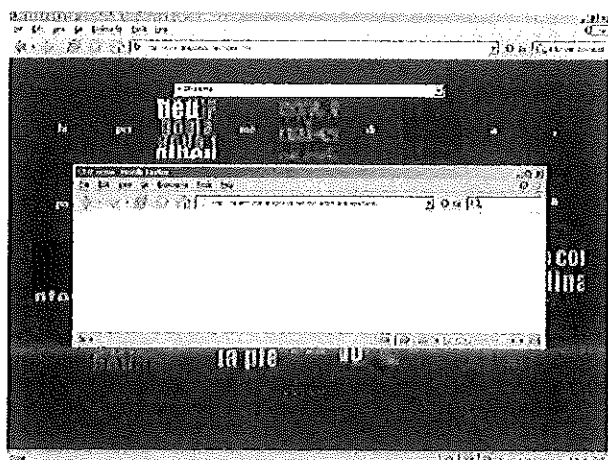


Fig. 1. Imagem 1 do "IP-oema"

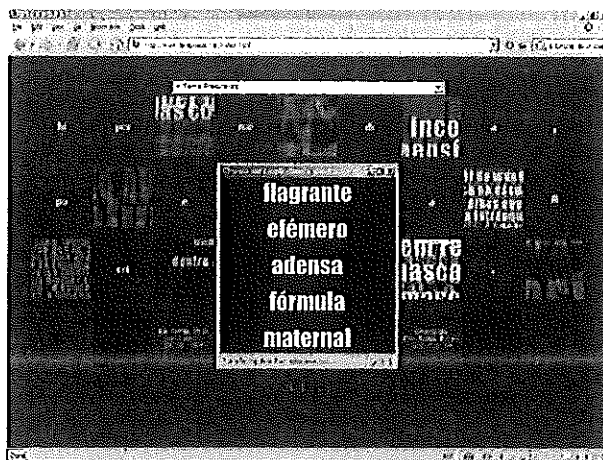


Fig. 4. Imagem 2 do poema "Tema procura-se"

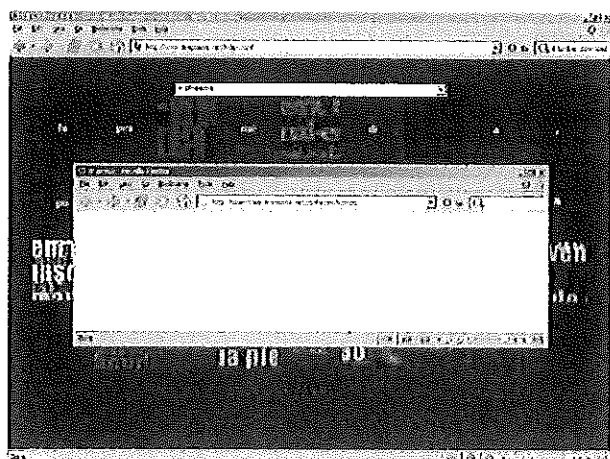


Fig. 2. Imagem 2 do "IP-oema"

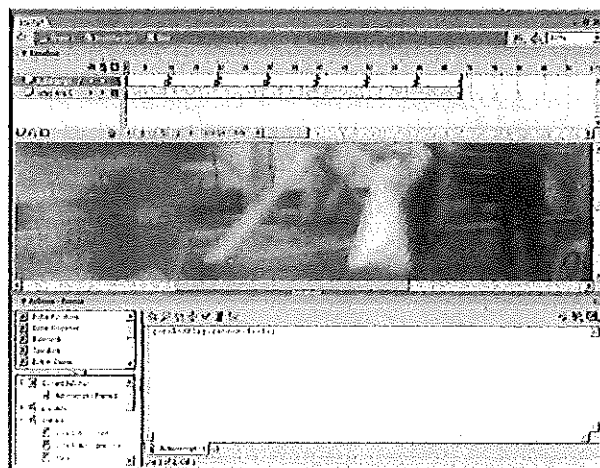


Fig. 5. Imagem 1 do poema "Amor de Clarice"



Fig. 3. Imagem 1 do poema "Tema procura-se"

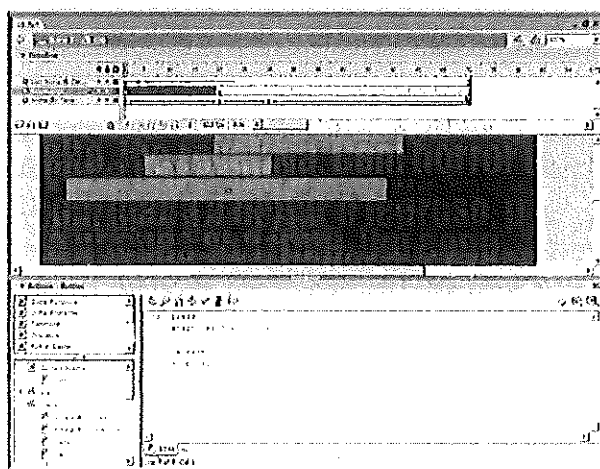


Fig. 6. Imagem 2 do poema "Amor de Clarice"